


COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e63832>

John Dewey e o socialismo: um estudo sobre as conferências na China (1919-1920)

John Dewey and socialism: a study on conferences in China (1919-1920)

Rodrigo Augusto De Souza*
rodrigoaugustobr@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre as conferências proferidas por John Dewey (1859-1952), na Universidade de Pequim, no ano de 1919. O interesse de pesquisa está em uma palestra, na coletânea de conferências, cujo tema versava sobre o socialismo. Portanto, procura-se analisar as interpretações elaboradas por Dewey a respeito do socialismo, suas recomendações sociais e políticas para a China naquele período revolucionário e, principalmente, suas apropriações e considerações no que concerne ao pensamento de Karl Marx (1819-1883). A influência das ideias de Dewey na China, suas aprendizagens naquele país e o impacto do seu pensamento no movimento revolucionário também serão abordados na presente investigação.

Palavras-chave: Conferências na China. John Dewey. Karl Marx. Socialismo.

Abstract: *This article presents a study of the conferences given by John Dewey (1859-1952), at Peking University, in 1919. The research interest is in a lecture, in the collection of conferences, whose theme was about socialism. Therefore, we seek to analyze the interpretations elaborated by Dewey regarding socialism, his social and political recommendations for China in that revolutionary period and, mainly, his appropriations and considerations concerning the thought of Karl Marx (1819-1883). The influence of Dewey's ideas in China, his learnings in that country and the impact of his thought on the revolutionary movement will also be addressed in this investigation.*

Keywords: *Conferences in China. John Dewey. Karl Marx. Socialism.*

Recebido em: 09/10/2023.

Aprovado em: 20/10/2023.

Publicado em: 03/11/2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1 Introdução

As conferências proferidas por John Dewey em Pequim, no ano 1919, constituem um importante marco para a filosofia social e política do pensador norte-americano. A partir disso, Dewey inaugurou um tipo de filosofia, também chamado de *terceira filosofia*, que objetivava ser uma alternativa entre o materialismo e o idealismo. Em virtude disso, as conferências constituem um “verdadeiro e próprio manifesto” da filosofia social e política elaborada por Dewey (Gregoratto, 2017, p. 7, tradução nossa). Um enfoque filosófico inovador se delineou na obra deweyana ao deslocar a preocupação do filósofo das questões epistemológicas do naturalismo e da educação progressiva para temas sociopolíticos, pois as conferências mostraram o seu olhar acerca do marxismo, do comunismo e do socialismo. Dewey (2017) mostrou-se como uma espécie de sociólogo pragmatista, rejeitando a predominância do positivismo no campo da sociologia. Outro aspecto a ser ressaltado é investigar Dewey como

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

intérprete da milenar cultura chinesa, visto que as conferências apresentam uma análise deweyana da filosofia chinesa, especialmente do budismo e do confucionismo (Grange, 2004). Além disso, a educação chinesa foi outro tema analisado por Dewey à época de suas conferências (Zhang, 2019; Zhang; Garrison, 2022).

O centenário das conferências, comemorado em 2019, foi uma ocasião propícia para refletir sobre os temas abordados por Dewey, o qual deve ser visto como um comentarista político sob o influxo do Movimento de Quatro de Maio (Wang, 2005). No entanto, ao mesmo tempo em que Dewey analisou a China daquele período tão controverso e agitado, o filósofo foi impactado e influenciado pelos acontecimentos revolucionários que se sucederam no país após 1919.

O presente artigo procura analisar a conferência de Dewey sobre o socialismo, publicada no capítulo 9 da coletânea de palestras proferidas na China. O contexto histórico das conferências será apresentado, bem como algumas considerações sobre as origens da chamada China moderna. Uma apreciação crítica a respeito das reflexões deweyanas do socialismo será a última parte deste trabalho. Em face disso, o estudo pretende recuperar a historicidade das conferências da China e, em particular, explorar as nuances das análises sobre o socialismo, uma vez que esse tema demonstra especial relevância para o entendimento da filosofia social e política do referido autor.

2 As conferências da China como um acontecimento histórico

A década de 1920 teve especial importância na vida de John Dewey por ter sido marcada por viagens aos seguintes países: Japão, China, Rússia, México e Turquia (Wang, 2005), responsáveis por enriquecerem as ideias e o pensamento de Dewey, mostrando singular relevância no campo das relações internacionais e da política. De todas as nações visitadas por Dewey no período, a China foi onde permaneceu mais tempo e recebeu o maior investimento analítico do intelectual. As conferências na China permaneceram por um longo tempo ignoradas no conjunto da obra de Dewey (1973), sendo apresentadas ao grande público leitor somente em 1973, com a publicação da coletânea em língua inglesa. Ainda, segundo Wang (2005), é preciso pensar, com base nas conferências, *como Dewey influenciou a China* (especialmente o Movimento de Quatro de Maio de 1919) e *o que Dewey aprendeu da China*. Em âmbito geral, explora-se a influência de Dewey na China enquanto se ignora o que teria aprendido em sua estada.

O principal acontecimento histórico na China durante a visita de Dewey foi o Movimento de Quatro de Maio de 1919. Isso permite analisar como o pensamento de Dewey influenciou aquele movimento revolucionário, que começou como uma revolta estudantil e se espalhou para diversos setores da sociedade chinesa. A chegada de John Dewey à China, acompanhado de sua esposa Alice Chipman Dewey (1859-1927), ocorreu em primeiro de maio de 1919, “somente quatro dias antes do início do Movimento de Quatro de Maio”, depois de uma “breve e pouco satisfatória” ida ao Japão (Gregoratto, 2017, p. 14).

As conferências foram realizadas em 20 de setembro de 1919, na Universidade de Pequim, na língua materna de Dewey. O contexto histórico da China era de agitação política. Em 1911 foi deposta a dinastia Manchu (ou Qing), a República da China foi proclamada logo em seguida, no entanto, encontrava-se instável e “sofria sob o influxo japonês, sancionado também pela resolução do Tratado de Versalhes que tinha atribuído a província Shantung ao Japão” (Gregoratto, 2017, p. 14). Uma maciça industrialização estava em processo na China e isso tornava necessária uma profunda transformação da mentalidade chinesa tradicional. Tal transformação passava pela substituição do confucionismo por novas filosofias.

Para Hobsbawm (1995, p. 448), “a China, muito corretamente, via sua civilização, arte, escrita, e sistema de valores sociais clássicos como a reconhecida inspiração e modelo para outros – não menos o próprio Japão”. Havia um autêntico *senso de superioridade* da China em relação a outras nações, inclusive no século XIX. No entanto, o grande império chinês estava em crise e via-se despreparado para lidar com expansão imperial do Ocidente. De acordo com Hobsbawm (1995, p. 448, grifos nossos),

“a inferioridade da China, que se tornou demasiado evidente no século XIX, não se deveu a alguma incapacidade técnica ou educacional, mas ao próprio senso de autossuficiência e autoconfiança a civilização chinesa tradicional”. Assim, a China resistiu à “modernização”, que adotava vigorosamente modelos europeus em larga escala, como, por exemplo, havia feito o Japão na Restauração Meiji, em 1868. A principal crise enfrentada pelo país no século XIX compreendeu

A ameaça revolucionária do Taiping à custa de praticamente liquidar o poder administrativo central do império e de deixá-lo à mercê dos estrangeiros, que haviam estabelecido enclaves extraterritoriais e praticamente assumindo o controle da fonte principal das finanças imperiais, a administração alfandegária chinesa. (Hobsbawm, 2014, p. 428, grifos nossos).

Segundo Davis (2002, p. 352, grifos nossos), a “Revolução anticonfuciana de Taiping”, com os seus “impulsos milenaristas niveladores ameaçaram o poder dos senhores de terra e dos mandarins”. A modernização da China “só poderia ser feita e só o seria sobre as ruínas do antigo império chinês, guardião da antiga civilização, e pela revolução social, que foi ao mesmo tempo uma revolução cultural contra o sistema confuciano” (Hobsbawm, 1995, p. 449, grifos nossos). Desse modo, o confucionismo se colocava como o principal obstáculo para a modernização chinesa.

O povo chinês vivia uma “extraordinária pobreza e opressão” (Hobsbawm, 1995, p. 449). Com uma população majoritariamente rural, a China via-se diante do impasse da modernização e dos ataques estrangeiros, principalmente do domínio japonês. Tais ataques levaram ao surgimento de “movimentos políticos anti-imperialistas” baseados na “ideologia tradicional”, como “por exemplo a Rebelião dos Boxers, de 1900” (Hobsbawm, 1995, p. 449). Houve uma resistência contra a conquista da China pelo Japão. Nesse ambiente social efervescente, com um forte clamor pela “libertação social dos pobres chineses” (Hobsbawm, 1995, p. 449) começou o influxo de ideias comunistas e uma grande agitação social com diversas ideologias. Os comunistas enfrentavam com certa vantagem os membros do Partido Kuomintang, “que tentara reconstruir uma república chinesa única, poderosa, a partir dos fragmentos dispersos do império chinês, comandados por líderes militarizados locais, após sua queda, em 1911” (Hobsbawm, 1995, p. 449). Os partidários do Kuomintang e os comunistas, fundados como partido a partir de 1922, tinham “praticamente a mesma porcentagem [sic] de *homens vindos dos latifúndios tradicionais e da fidalguia culta, as elites da China imperial, embora os comunistas tendessem a ter líderes com educação superior de tipo ocidental*” (North; Pool, 1966, p. 378-382 apud Hobsbawm, 1995, p. 450, grifos nossos). As semelhanças entre os comunistas e os membros do Kuomintang provinham “do movimento anti-imperial de 1900, reforçado pelo ‘Movimento de Maio’, o levante nacional de estudantes e professores em Pequim após 1919” (Hobsbawm, 1995, p. 450).

O líder do Kuomintang, Sun Yat-sen (1866-1925), foi um intelectual cosmopolita, viveu parte da vida nos Estados Unidos, e mantinha contatos frequentes com os norte-americanos e, ao mesmo tempo, com os soviéticos. Os conhecidos “três princípios”, de Sun Yat-sen, “nacionalismo, republicanismo e socialismo (ou, mais exatamente, reforma agrária)”, segundo Hobsbawm (2014, p. 430), “podem ter sido formulados em termos derivados do Ocidente, notadamente de John Stuart Mill”.

A viagem de Dewey à China foi organizada por Hu Shi (1891-1962), relevante filósofo chinês de orientação liberal e anticomunista. Para Gregoratto (2017, p. 7), “Hu Shi [era] estudante de Dewey na Universidade de Columbia de Nova Iorque, organizador da viagem do seu mentor na China e figura de destaque da vida cultural chinesa daqueles anos”. A participação do filósofo chinês ocorreu também com a sugestão dos temas políticos e sociais desenvolvidos por Dewey em suas conferências, além de ser o responsável por publicá-las na forma de livro na China.

Para Godement (1989, p. 281), o “pragmatismo empirista” esteve coligado com pensamento Lenin no estágio inicial do marxismo na China, num movimento de síntese que levou ao surgimento do “pensamento de Mao Zedong” [ou Mao Tsé-Tung]. Nesse contexto,

Confluem grandes temas do pensamento de Lenin (reatualizados em função do espaço e do ritmo de desenvolvimento da China) [e] fortes elementos de pragmatismo empirista (no qual *é facilmente identificável a inspiração do movimento democrático americano, de J. Dewey e W. James, dominante no início do movimento revolucionário*). (Godement, 1989, p. 281, grifos nossos).

Godement (1989) assinalou uma posição dominante do pensamento de Dewey e de James nas origens da revolução cultural na China. A influência do primeiro na China foi díspar e contraditória, e abrangeu desde um filósofo liberal e anticomunista como Hu Shi até um grande intelectual revolucionário como Mao Tsé-Tung (1893-1976), o principal responsável pela Revolução Cultural Chinesa. No excerto de Godement vê-se como, na trajetória de Mao Tsé-Tung, o pensamento de Dewey apareceu coligado com as ideias de Lenin, o grande líder teórico da Revolução Russa.

Para compreender melhor a influência de Dewey sobre o jovem Mao Tsé-Tung é importante considerar o notável artigo de Gu Hongliang (2014), traduzido do chinês para o francês por Jean Angles, *L'influence de Dewey sur le jeune Mao*, publicado no ano de 2014, na revista *Actuel Marx*, no qual há um detalhado estudo sobre o modo como as ideias de Dewey teriam realizado isso.

3 Do discurso ao impresso: a publicação e a estrutura da obra

As conferências de Dewey na Universidade de Pequim foram traduzidas em chinês simultaneamente por Hu Shi, I-han Kao e Sun Fu-yuan, responsáveis por a transcreverem. Com base nesse texto, Hu Shi publicou, então, as conferências no *Morning Post*, de Pequim, no ano de 1920. Contudo, essa publicação permaneceu ignorada durante décadas, cuja descoberta coube a Chung-ming Lu, no ano de 1962, então doutorando em Filosofia da Educação na Universidade do Havai. O orientador de Lu era Robert W. Clopton, que empreendeu a tradução e a organização das conferências em inglês junto ao estudioso deweyano Tsuin-chen Ou. No projeto de tradução, Clopton e Ou decidiram publicar algumas outras conferências no *Bulletin*, do Ministério da Educação chinês. A publicação pode ser dividida em “conferências” e “anotações”, conforme os comentários redigidos por Dewey na máquina de escrever como orientações a serem seguidas (Gregoratto, 2017, p. 10).

Por muito tempo, os estudiosos deweyanos acreditaram que essas anotações tinham sido perdidas. Entretanto, na pesquisa de preparação de uma biografia de Hu Shi, feita pelo historiador chinês Yung-chen Chiang, elas foram descobertas. No Arquivo Hu Shi, no Instituto de História Moderna da Academia de Ciências Sociais de Pequim, foram encontrados os datilografados de Dewey com as anotações preparatórias de nove conferências das dezesseis, a saber (conferências I, II, III, IV, VI, X, XI, XII e XVI) (Gregoratto, 2017). A conferência sobre o socialismo não integrava as anotações encontradas. Em face de sua peculiar trajetória editorial, as conferências da China encontram-se fora da monumental compilação da obra de Dewey, organizada como *The Collected Works of John Dewey*, que compreende trinta e sete volumes divididos em *The Early Works (1882-1898)*, *The Middle Works (1899-1924)* e *The Later Works (1925-1953)*.

Como já se teve a oportunidade de mencionar, as conferências abrangem o número de dezesseis e versam principalmente sobre *filosofia social e política*. Outros temas são coligados ao tema principal, tais como: *os conflitos entre grupos sociais e a radicalidade experimental no interior da vida associada*. A obra está organizada da seguinte forma: 1) A função da teoria; 2) Ciência e filosofia social; 3) O conflito social; 4) A reforma social; 5) Critérios para julgar os sistemas de pensamento; 6) Comunicação e vida associada; 7) Economia e filosofia social; 8) Individualismo clássico e liberdade de imprensa; 9) Socialismo; 10) O Estado; 11) O governo; 12) Liberalismo político; 13) Os direitos dos indivíduos; 14) Nacionalismo e internacionalismo; 15) A autoridade da ciência; 16) A liberdade intelectual (Dewey, 2017).

Nas referidas conferências, Dewey tratou de filosofia, ciência, sociedade, política, sistemas de pensamento, economia, direito, comunicação, imprensa e liberdade, embora outros temas correlatos tenham sido desenvolvidos de forma incipiente. Por isso, as conferências possuem um valor inestimável para observar temas até então inéditos na obra e no pensamento de Dewey.

4 A conferência sobre o socialismo: uma apreciação crítica

A conferência sobre o socialismo foi inserida por Dewey (2017) como posterior à palestra em que tratou do individualismo clássico e da liberdade de imprensa e anterior àquela que versa a respeito do Estado. Essa disposição não parece ser obra do acaso. Dewey insistiu em sua visão do liberalismo progressista e da reforma política e social capitaneada por uma nova perspectiva de filosofia. Após realizar uma “análise dos méritos e deméritos do individualismo clássico que deu origem à teoria econômica do *laissez-faire*, evidenciei alguns dos problemas inerentes a esta teoria” (Dewey, 2017, p. 131, tradução nossa). Para Dewey, havia a necessidade de uma nova teoria para fazer frente ao *laissez-faire*. O filósofo norte-americano evidenciou o surgimento de uma teoria de controle e direção central voltada para o desenvolvimento econômico planejado e endereçado a fins específicos. Isso remete ao aparecimento de uma economia planejada sob o regime comunista. Dewey aproveitou essa constatação para afirmar: “Estou de acordo sobre o fato de que na razão para o desenvolvimento econômico deve ser procurado o bem-estar da sociedade em vez da satisfação dos desejos individuais – o exato oposto da posição dos individualistas clássicos” (Dewey, 2017, p. 131, tradução nossa). Aqui dois pontos podem ser ressaltados: a crise ou a necessidade de superação da teoria econômica do *laissez-faire* e a procura por um novo modelo de economia que procurasse o desenvolvimento e o bem-estar da sociedade acima dos interesses individuais.

O socialismo era uma filosofia social e política que emergia “em reação aos defeitos e aos excessos do individualismo clássico” (Dewey, 2017, p. 131, tradução nossa), e encontrava-se calcado no “ataque ao ordenamento social existente” (Dewey, 2017, p. 131, tradução nossa).

[a] estrutura da vida econômica é provavelmente o objetivo do maior número de ataques e daqueles mais venenosos; críticas mais específicas se apresentam sobre o sistema industrial; outras desafiam o capitalismo enquanto instituição – algumas delas exigem uma drástica reorganização das políticas e do governo, enquanto outras se esforçam por pedir a abolição da propriedade privada. (Dewey, 2017, p. 131, tradução nossa).

O ponto de acordo entre todas as novas teorias políticas seria a oposição de algumas partes ou de todas – ao sistema existente. Devido à variedade de teorias e posições, na visão de Dewey, tornava-se difícil definir o socialismo, pois todas essas teorias se caracterizariam como socialistas. Por um lado, os socialistas ingleses e franceses encontravam seus axiomas na própria moralidade, segundo Dewey. Eles criticavam os males do capitalismo industrial e a injusta distribuição da propriedade. Por outro lado, os socialistas marxistas definiam a moralidade como um critério irrelevante para criticar as instituições socioeconômicas. Definiam a ciência do ponto de vista deles, e postulavam um determinismo segundo o qual a lei natural de causa e efeito poderia automaticamente ser alterada por mudanças revolucionárias (Dewey, 2017, p. 132).

Na compreensão de Dewey, tratava-se de duas escolas de socialismo: o socialismo moral e o socialismo científico (marxismo). O primeiro grupo queria a reforma do Estado, enquanto o segundo postulava sua abolição, pois via a identificação do Estado com o capitalismo existente. Dewey criticou o determinismo marxista e reconheceu as variantes do socialismo. Para o filósofo, “as atividades econômicas devem ser dirigidas ao bem-estar comum, e não primariamente ao proveito individual” (Dewey, 2017, p. 132,

tradução nossa). Dewey e os socialistas estavam unidos no ataque à teoria econômica clássica, visto que ficava em abstrações e não conseguia proporcionar o bem-estar geral para a sociedade.

O socialismo moral “foi majoritariamente influente no amanhecer do século XIX, e as revoluções nas várias nações europeias, em 1848, eram, obviamente, o resultado de tal influência” (Dewey, 2017, p. 133, tradução nossa). Dewey (2017, p. 133, tradução nossa) desenvolveu pouco o tema do socialismo moral, contudo, o socialismo marxista, por sua vez, “se tornou mais influente na segunda metade do século, e continuou a ser popular até o fim da recente guerra mundial”. Apesar disso, “*existem sinais que indicam que as pessoas estão se cansando do marxismo, e estão voltando ao socialismo moral e ético dos primeiros anos do século XIX*” (Dewey, 2017, p. 133, tradução e grifos nossos). Nas palavras de Dewey, “Marx atacava o socialismo moral, zombando dos seus defensores pelo sentimentalismo deles” (Dewey, 2017, p. 133, tradução nossa). Para o marxismo, os defeitos do capitalismo não estavam ligados a nenhuma questão moral, portanto, o capitalismo individualista desapareceria sob o próprio peso e daria lugar ao socialismo.

Dewey examinou o estatuto da propriedade privada e declarou: “Marx pensava que era justo que cada homem possuísse a sua propriedade, e recebesse o próprio lucro dos bens que vendia” (Dewey, 2017, p. 133, tradução nossa). Ao analisar as ideias de Marx, “a atividade econômica deveria ser submetida a uma mudança radical, com o bem-estar social como critério central para a reorganização” (Dewey, 2017, p. 134, tradução nossa).

Na conferência, Dewey se mostrou um leitor atento de Marx e adentrou nos pormenores da sua teoria. Entre os males do sistema capitalista, Dewey (2017, p. 134, tradução nossa) citou os “enormes cartéis, como aqueles que vemos hoje nos Estados Unidos”. A economia capitalista teria se tornado injusta, baseada numa “concorrência desregulada”, com a “eliminação da concorrência”, com as “grandes empresas que tinham absorvido as pequenas”, e notou a formação de “monopólios” (Dewey, 2017, p. 134, tradução nossa). Dewey (2017, p. 134, tradução nossa) argumentou: “Marx parece estar certo”. Desse modo, pode-se resumir os pontos proeminentes da teoria de Marx em quatro sessões:

1. Marx considerava anacrônica a propriedade privada. Com o advento das máquinas e o desenvolvimento da fábrica, a propriedade privada perdeu a sua razão de ser.
2. O sistema fundado sobre a concorrência econômica era suicida, uma vez que o controle sobre ela terminava por gravitar em um número de mãos sempre mais exíguo.
3. O capital em mãos privadas gera mais capital; o rico se torna mais rico, o pobre mais pobre, e o proveito da classe operária se torna uma concomitância inevitável desse processo. O resultado natural seria o desaparecimento da classe média, com os mais ricos e os mais pobres a permanecerem sozinhos sobre o campo; um tal estado de coisas, ao fim, traduzir-se-ia inevitavelmente em luta de classe. [...] as pessoas erram quando acusam Marx de fomentar a luta de classe. Ele não invocava tal luta, ele pressagiava somente que ela viria de modo natural, como consequência inevitável da força já em obra.
4. Marx, como outros teóricos antes dele, identificava o trabalho como o único recurso dotado de valor econômico. Se todo o valor econômico deriva do trabalho, agora o lucro obtido pelo capitalista deve ser concebido simplesmente como uma redução do salário dos trabalhadores [...]. (Dewey, 2017, p. 134, tradução nossa).

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teria levado a teoria de Marx ao descrédito, na perspectiva de Dewey. Ao examinar as causas do aparecimento dessa rejeição à teoria de Marx identificou duas principais, pois “suas previsões não se revelaram precisas” (ou realizadas). Em virtude disso, sustentou: “é falso que os ricos tenham se tornado mais ricos” no pós-guerra, porque, na sua opinião, houve um

aumento da qualidade de vida dos trabalhadores, inclusive com uma valorização dos seus salários nesse período (Dewey, 2017, p. 136, tradução nossa), portanto, deduziu que os trabalhadores viveriam melhor. O segundo fator reside que “numerosas estimativas de Marx eram baseadas em suposições falsas” (Dewey, 2017, p. 136, tradução nossa). Embora Marx previsse que o socialismo fosse se realizar em nações altamente industrializadas, como a Alemanha e os Estados Unidos, o fato é que a Rússia, o país, em parte europeu, menos industrializado, foi o primeiro a adotar o modelo socialista de governo. “Se Marx tivesse razão o socialismo seria impossível de ser implantado na Rússia” (Dewey, 2017, p. 136, tradução nossa). A história contrariou uma das afirmações mais inequívocas de Marx e, por conseguinte, gerou desconfiança de muitas pessoas em relação à sua teoria. Para Dewey, havia pessoas que estavam abandonando o socialismo marxista para retornar ao socialismo moral e ético.

Dewey citou Herbert Clark Hoover (1874-1964), que se tornaria posteriormente Presidente dos Estados Unidos, ligado ao Partido Republicano, como o principal argumento capitalista contra a teoria marxista (Dewey, 2017, p. 136, tradução nossa). Para Hoover, o socialismo europeu estava falido naquela época, no entanto, Dewey criticou esta tese e considerou-a um “raciocínio falacioso”. Aceitou apenas a tese de crítica a Marx sobre a teoria do socialismo nacional, “o controle central para as atividades econômicas” (Dewey, 2017, p. 137, tradução nossa). Isso acabaria com a “iniciativa individual, a espontaneidade, a motivação que pareciam diminuir”, o resultado seria um “regresso aos ordenamentos feudais” (Dewey, 2017, p. 137, tradução nossa). Neste ponto, realizou a crítica da atividade econômica nacionalizada. Outra razão foi que “os capitalistas de talento”, nas nações socialistas, usando “de sua experiência e competência adquirida [...] [poderiam] exercitar um controle efetivo sobre o funcionamento das empresas do estado, manipulando-as para a sua própria vantagem” (Dewey, 2017, p. 137, tradução nossa).

Dewey (2017) chamou a atenção para o socialismo corporativo e o sindicalismo, cujo exemplo mais sugestivo era a nova constituição da Rússia comunista. Esses modelos de socialismo evitam uma grande dependência do governo central. Neste sentido, o elogio de Dewey ao sindicalismo se dava por promover

Reagrupamentos atentos a benefícios e interesses comuns, mais dependentes dos membros do grupo que do governo. Estas pessoas formam associações voluntárias que geram as próprias atividades econômicas. Uma junção de tais grupos, se houver interesses em comum, pode constituir uma sociedade associada, na qual cada grupo singular tem seus próprios planos de organização, e administra os próprios assuntos internos, sem depender do governo. (Dewey, 2017, p. 137, tradução nossa).

De modo incomum, Dewey (2017, p. 138, tradução nossa) enalteceu o Medieval europeu e afirmou: “os socialistas contemporâneos querem o retorno do sistema de guildas.” Em sua interpretação, o sistema de corporações de ofícios medieval era um tipo de “democracia industrial” (Dewey, 2017, p. 138, tradução nossa). Tal modelo, na visão de Dewey, poderia ser útil às mudanças requeridas pela China daquele período.

Hoje na China existem corporações de comerciantes que, parece-me, poderiam ser extraordinariamente úteis durante este período em que o país sofre a transição do trabalho domiciliar à produção industrial sobre larga escala. Para nós, é importante determinar quais aspectos do sistema corporativo serão preservados, e descobrir os modos que nós poderemos cultivar o respeito do ser profissional promovendo uma comunicação mais eficaz entre as pessoas empenhadas em ofícios iguais ou similares. (Dewey, 2017, p. 138, tradução nossa).

Nessa óptica: “os estudiosos chineses deveriam conduzir uma pesquisa sobre o sistema das guildas, para poder preservar aqueles aspectos de tal sistema que podem efetivamente contribuir com o progresso” (Dewey, 2017, p. 138, tradução nossa). Dewey endereçou sua fala a um “público composto

pelos estudiosos e estudantes chineses” (Dewey, 2017, p. 138, tradução nossa). A sua filosofia social e política ocupava-se de problemas concretos e não somente em atacar as instituições. Os chineses deveriam se ocupar de problemas sociais concretos.

O primeiro é o problema dos modos com os quais a China pode fazer frutificar os seus importantes recursos econômicos – as suas ferrovias, as suas estradas, as suas reservas minerais, as suas florestas, os seus acordos comerciais – sem cair sobre o controle de uma minoria que poderia ceder à tentação de desenvolver a própria vantagem. Tais recursos estão intimamente ligados ao bem-estar público, e, especialmente, a outra conjuntura, na qual a China está vivendo a transição do artesanato para a economia industrial, e estão em jogo em um papel estratégico no crescimento complexo da nação (Dewey, 2017, p. 139, tradução nossa).

Para Dewey (2017, p. 139, tradução nossa), a China deveria preservar aspectos desejáveis do seu sistema corporativo, como, por exemplo, poderia “tornar esses grupos de interesses comuns as unidades basilares da organização política”. Dewey queria um “governo popular”, baseado “em eleições” e comprometido com o desenvolvimento da nação. O sistema corporativo chinês seria “único e peculiar”, e poderia resultar em vantagem para a China perante o mundo. Para Dewey, o socialismo, centrado na ideia de bem-estar social, deveria valer como “critério de juízo quando nos ocupamos dos problemas concretos com os quais se confronta a China no dia de hoje” (Dewey, 2017, p. 139, tradução nossa).

5 Considerações finais

As conferências que Dewey realizou na China, em 1919, serviram para estimular as ideias revolucionárias do Movimento de Quatro de Maio, que promoveu a modernização cultural e econômica do importante país oriental. Dewey, de fato, influenciou a China, em pensadores tão díspares quanto Hu Shi e Mao Tsé-Tung. Sua influência na trajetória deste último esteve combinada como pensamento de Lenin. Isso permite pensar em um potencial revolucionário nas ideias de Dewey, a despeito do próprio filósofo preferir uma perspectiva política reformista. A apropriação de Dewey na China se efetuou em um contexto de mudanças revolucionárias, mesmo que a revolução nunca tenha sido o cerne das suas ideias políticas.

Dewey sugeriu, indiretamente, o socialismo como via política para os tempos que se anunciavam à China, cuja procura pelo bem-estar social acima dos interesses individuais deveria ser a característica principal da nova economia. Dewey, ainda, defendeu um governo popular, baseado em eleições, e que evitasse a economia centralizada pelo Estado. Ao se mostrar um leitor atencioso de Marx, concordou com algumas de suas teses e as defendeu do ataque de certos detratores. Em outro movimento, foi também crítico de Marx, ao mostrar os limites das suas previsões.

Contudo, ao propugnar mudanças sociopolíticas, Dewey reconheceu alguns valores da China tradicional. Identificou um sistema de corporações chinês que poderia ser útil e encontrar lugar nas transformações pelas quais passava o país. Desse modo, o filósofo defendeu a autonomia dos trabalhadores na forma de organização do sindicalismo, e foi ainda mais longe ao compará-lo ao sistema de guildas do Medievo europeu, um modelo considerado ainda inspirador para o filósofo. Mais próximo do que chamou de socialismo moral, Dewey se posicionou claramente em defesa de uma perspectiva política socialista para a China, apesar de isso não ter lhe impedido de reconhecer que, não obstante suas falhas, as importantes teses defendidas por Marx estavam certas.

Referências

DAVIS, M. *Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DEWEY, J. *Filosofia sociale e politica: lezioni in Cina (1919-1920)*. Torino: Rosenberg & Sellier, 2017.

DEWEY, J. *Lectures in China: 1919-1920*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1973.

GODEMENT, F. A China depois de Mao. In: HOBBSAWM, E. (Org.). *História do marxismo, volume II: o marxismo hoje: primeira parte*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GRANGE, J. *John Dewey, Confucius, and global philosophy*. Albany: Suny Press, 2004.

GREGORATTO, F. Introduzione. In: DEWEY, J. *Filosofia sociale e politica: lezioni in Cina (1919-1920)*. Torino: Rosenberg & Sellier, 2017.

HOBBSAWM, E. *A era dos impérios: 1875-1914*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONGLIANG, G. L'influence de Dewey sur le jeune Mao. *Actuel Marx*, v. 56, n. 2, p. 124-132, 2014.

WANG, J. C. John Dewey as a learner in China. *Education & Culture*, v. 21, n. 1, p. 59-73, 2005.

ZHANG, H. Dewey and Chinese education: a centennial reflection. *Beijing International Review of Education*, v. 1, n. 4, p. 586-591, 2019.


ZHANG, H.; GARRISON, J. (Eds.). *John Dewey and Chinese education: a centennial reflection*. Boston: Brill, 2022.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e63832>